

Introdução

É possível dividir o livro de Romanos em duas partes principais. A primeira, do Cap 1 ao 11, trata principalmente das ações de Deus pela humanidade. A segunda parte, do Cap 12 ao 16, trata das ações das pessoas em resposta às ações de Deus. A primeira parte é mais sobre questões teológicas e sobre as relações com Deus, enquanto a segunda, enfatiza mais as relações corretas entre as pessoas em geral, em uma sociedade.

Logo no v1 desse Cap 12, o apóstolo Paulo roga aos seus leitores que apresentem seus corpos em “sacrifício vivo”, santo e agradável a Deus. Ele usa essa figura do sacrifício vivo para instruir os crentes a renunciarem a seus próprios desejos e vontades trocando-os pela vontade de Deus (Rm 12.2).

Trocar a própria vontade pela vontade de Deus, não deixando o mundo à sua volta moldá-lo, requer decidir deixar Deus atuar em você para que sua atitude mental seja modificada. Essa decisão é um dos grandes desafios da vida cristã. O motivo é que quando nossa mente nos dirige, ela tende a nos levar a tomar a forma dos outros para sermos mais bem aceitos. Isso se dá mediante a busca de um caminho de mínimo atrito com o ambiente ou com o grupo. Por conta disso, Paulo nos exorta quanto à necessidade de renovação de nossa mente

Renovar a mente tem a ver com modificar a atitude mental, visando evitar que nossa mente seja conformada, ou seja, que ela tome a forma das coisas do mundo. Vale observar que a conotação aqui utilizada para as “coisas do mundo” se refere àquilo que é contrário à Palavra de Deus.

O uso dos dons do Espírito Santo dentro da igreja (Rm 12.3-21)

Quando abordamos esse tema, é importante lembrar que existe uma diferença entre “Dom” e “dons” do Espírito Santo. Enquanto o termo “Dom” tem a ver com o próprio Espírito de Deus, que passa a habitar o coração do crente, quando ele aceita Jesus como Salvador, o termo “dons”, refere-se a certas atribuições ou ferramentas que o Espírito concede aos crentes para o serviço cristão.

Há mais de 20 dons nas listas apresentadas pelo Apóstolo Paulo em suas cartas aos Romanos e aos Coríntios. Em Rm 12.3-8 encontramos apenas sete, classificados usualmente como “dons pessoais”, dado que todos os crentes têm pelo menos um deles. Esses sete dons são: profecia, ministério, ensino, exortação, contribuição, dom de presidir, e o dom de exercer misericórdia.

O propósito principal desses dons é serem utilizados no contexto da igreja. Os crentes não são apenas um grupo de indivíduos desconectados, cada um seguindo seu próprio caminho, mas congregam em uma igreja, que é vista como se fosse um organismo, ou um corpo vivo, composto por seus membros, que atuam em conjunto, dentro de certa diversidade. Um ponto fundamental para ser observado, especialmente no contexto das igrejas hoje, é que cada membro funciona para servir o corpo, não o corpo para servir os membros. Diferentes de outros dons, que poderiam cessar, todos esses sete dons serviriam a toda a igreja, para benefício mútuo de seus membros, ao longo de sua história, e não apenas em certo momento.

Vale observar que os dons recebidos por cada crente são diversos, mas se complementam, dentro da diversidade de pessoas que existe em uma igreja. Essa diversidade aparece naturalmente, dado que as pessoas vêm de origens distintas além de serem obviamente diferentes entre si. Mas, da mesma forma que um corpo que possui diversos membros, opera em unidade, a igreja também deve operar em unidade. Da mesma maneira que cada membro de um corpo tem sua função, os dons também têm funções e são distribuídos pelo ES conforme Ele quer. Vale notar que, todos os dons são necessários e não existe um dom mais importante que outro. É fundamental que cada crente atue em sua igreja, usando seu próprio dom. Para isso, cada um precisa conhecer qual é o seu dom ou dons que recebeu do ES. Há alguns testes interessantes que permitem o crente descobrir seus dons, em especial, seu dom dominante.

O perigo do crente ser vingativo (Rm 12.19)

Muitas culturas têm a vingança como código de honra. Uma família ou tribo ofende outra tribo, então a parte ofendida reage vingando-se. Isso parece ser uma vitória,

mas só até quando o rival conseguir uma forma de se vingar. A mesma mentalidade está por trás dos "assassinatos de honra", onde um familiar que envergonha a família é morto para restaurar a honra de todos. Tudo isso vem de um orgulho pecaminoso. O problema às vezes se expande por toda uma comunidade e não por apenas uma família. Vemos isso acontecer em certos grupos de religiosos fundamentalistas. Estes, em geral, não aceitam a existência de pessoas diferentes, que não seguem seu preceitos e práticas religiosas. Às vezes, essas disputas duram séculos, resultando em derramamento de sangue e guerras desnecessárias. É o que vemos atualmente no Oriente Médio, na África e na Ásia. Em Rm 12 encontramos pelo menos duas razões que mostram por que é errado se vingar

a) A vingança usurpa uma tarefa que pertence apenas a Deus

Em Rm 12.19 Paulo diz: "Não façam justiça com as próprias mãos, mas deem lugar à ira de Deus, pois está escrito "A mim pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor". O ponto é que somos incapazes de realizar vingança pessoal que seja justa e correta. Isso acontece porque, usualmente, não conhecemos todas as razões que motivaram a ação errada contra nós. Além disso, nossas emoções entram em jogo e atrapalham nosso julgamento. Só Deus, que conhece todas as coisas, é um Juiz competente e justo.

b) A vingança sucumbe ao mal em vez de vencer o mal com o bem

A vingança pessoal se choca diretamente com o que Paulo diz em Rm 12.21, quando afirma: "Não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem". Na prática, vingar-se é responder ao pecado com mais pecado. Isso nos coloca no mesmo nível de quem pecou contra nós. Por mais difícil que seja, dentro da perspectiva do Novo Testamento, sempre será errado responder ao errado com algo mais errado. Como mencionado, na maioria das vezes, retribuir o mal com o mal ou se vingar, sempre será motivado por egoísmo ou orgulho. As ações pecaminosas de alguém contra nós, ferem nosso orgulho, e isso nos leva à vingança para restaurar nossa honra. Agir dessa forma, não levará o ofensor à conversão. A conclusão disso é que o crente precisa determinar antecipadamente que, quando for prejudicado, não vai retaliar com mais injustiça.

Conclusão

Como entender a questão do "culto racional" mencionado por Paulo em Rm 12.1? Para entender essa expressão, precisamos olhar para o contraste que ele estava criando com a realidade daquela época.

Em vez de um ritual exterior, com sacrifícios de animais como ocorria no AT, Paulo propõe uma transformação. Ela começa na mente da pessoa e se expressa na vida diária. "Culto racional" é um serviço a Deus que envolve a nossa consciência e inteligência. Mas como praticar esse culto ou serviço racional? Em Rm 12.1-2, Paulo estabelece como esse culto deve funcionar na prática. A seguir apresentamos três pilares que nos permitem fazer isso, dentro da perspectiva de Rm 12.

i. O Corpo como sacrifício vivo

No Antigo Testamento, os animais eram mortos no altar. No culto racional, o sacrifício é vivo. Significa oferecer o seu dia a dia, suas mãos, seus pés, seus olhos e suas ações diárias, como um ato de adoração contínuo a Deus.

ii. Não se conformar com este Século

Significa recusar-se a ser moldado, pressionado ou manipulado pela mentalidade do mundo pelos valores superficiais e pelo egoísmo que está ao nosso redor.

iii. A necessidade de renovar a mente

O culto é racional porque passa pela mente. Ao mudar a forma como você pensa, alinhando seus pensamentos com a verdade, você transforma a maneira como vive. É essa renovação que nos permite discernir e viver a "boa, agradável e perfeita vontade de Deus". Qual é a lógica que Paulo usa em Romanos? Do Cap 1 ao 11, ele passa algumas páginas explicando a teologia da graça e o que Deus fez pela humanidade em termos de salvação. Quando chega ao Cap 12, no v1, ele começa com um "Portanto". É como se ele dissesse: "Diante de tudo o que Deus fez por você, a única resposta lógica, inteligente e coerente (racional) é entregar a sua vida inteira a Ele."

O que podemos concluir é que o culto racional mostra que a verdadeira adoração não está confinada a um templo, a um dia específico da semana ou a um ritual litúrgico. O seu verdadeiro altar é a sua vida cotidiana. E o seu culto acontece quando você toma decisões conscientes e sábias, sob a orientação do Espírito Santo, para viver de acordo com a vontade de Deus.

Bibliografia

- 1) Notes on Romans – Thomas Constable
- 2) Conflitos da Vida (Avançado) – Larry Coy
- 3) Doing Right When You're Wronged – Steven J. Cole